

O ALEIXO E OUTRAS TORRES QUE SE ABATEM SOBRE NÓS...



1 – O caso do Shopping Bom Sucesso:

É o caso de uma torre feita ilegalmente – ilegalmente aprovada pela Câmara - á revelia do próprio PDM, que prevê um índice de Construção inferior para aquela parcela. Mesmo com um processo ganho em tribunal e uma ordem expressa do tribunal para que a torre fosse (exemplarmente, magistralmente, divinamente) demolida, nada se fez. Não se demoliu porque o tal estado de “direito” é menos importante que tudo o mais, que já fez e faz parte do quotidiano urbano. As loja e empregos que se instalaram entretanto, obviamente importantes. O preço elevado da sua demolição também é importante, claro. Gasstar em construção + gastar em demolição é um duplo gasto num país de pobres. O hábito ao edifício, razão menos importante: Há quem goste, quem não goste. Todos nos habituamos á má Arquitectura, quer gostemos, quer não. Só não é importante é o valor das sentenças, da justiça, do direito. Também já nos tínhamos habituado, não é verdade! Ainda por cima, quando se melhorava a zona, desafogando um bocado o sombrio que se tornou o ambiente envolvente ao Shopping, a zona está saturada de metros cúbicos.



2 – O caso do Bairro do Aleixo:

É o caso de cinco torres integradas em planos de realojamento “temporário” (temporário já com 33 anos). Projecto do Arquitecto Teles e construídas em 1976.

Teem-se demolido bairros sociais em França. Teem-se recuperado bairros sociais em Portugal.

Por todo o lado os bairros sociais teem-se transformado em ghettos, quer em França quer em Portugal.

O que em França é considerado habitaç~ao Socuial, em Portugal tem o valor de habitação para classe média, outro facto.

A possibilidade ideal, mas possível (?) de reintegração das pessoas em habitação corrente na malha Urbana a preços acessíveis e conformes á sua bolsa seria para os habitantes do Aleixo ou de qualquer bairro uma boa possibilidade.

Não é o que todos desejamos? Viver na cidade, com independência económica, cada um pagando a sua casa, mas com preços acessíveis? Uma cidade acessível, com vizinhança “normal”, urbana, integrada, relativamente anónima claro, como são e ainda bem as vizinhanças de cidade.

Um bairro tem sempre o mal que é a vida de “aldeia”, no que teem as aldeias de viciante, murmúrio, o diz-que-diz.

O que ás vezes é visto como um bem – uma ídlica “vida de bairro” cheia de vizinhos constantemente a conviver é coisa que não existe.

O que existe e deveria existir cada vez mais é o associativismo de bairro. A “vizinhança” é o Cooperativismo, as Associações Culturais, recreativas e desportivas, O salão da junta.

No fundo, o melhor da vivência da tal “aldeia”. Aldeia real, não aldeia “mítica”.

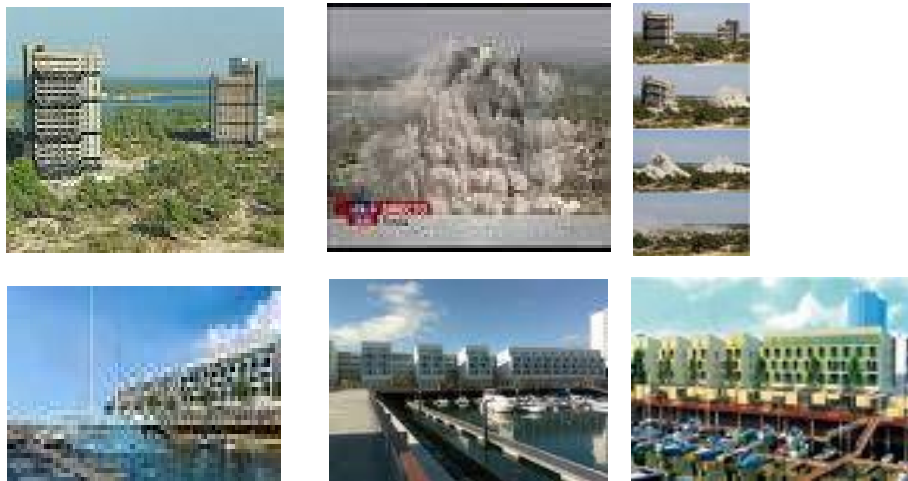
A vivência em torres é mais complicada que qualquer outra tipologia que se relacione directamente com o solo.

Há uma “segurança” na proximidade com o chão. Todos o sentimos.

E os miúdos na Rua, e nós sem os “controlarmos” porque não os vêmos do alto do nono piso.

Com tipologias ao baixo, também só “conhecemos” (leia-se “cumprimentamos” bom dia, boa tarde) no máximo dos

máximos 4 vizinhos. Talvez apenas os do nosso piso, quer sejam os blocos correntes de quatro pisos (habitação social dos anos 50 Câmara do porto), quer sejam as Torres do Aleixo com 13 pisos (é 13 não é?). É portanto igual a vizinhança. A vizinhança está, grosso modo, na vida das Colectividades. Não sou favorável á demolição do bairro do Aleixo. Idealmente sou favorável a que não haja a necessidade de bairros Sociais. E isso só se consegue na minha opinião com políticas Socialistas constantes e continuadas para que as classes mais baixas passem naturalmente a ser mais altas, e não tenham que pedir subsídios a outros para ter o que é seu por direito: O direito á habitação, o direito a viver num lugar. O direito a ocuparem uma parcela na cidade, um pequeno espaço neste mundo. Um planeta com tanto espaço, meu Deus, e os ricos, neste caso vão acabar por despejar os pobres daquele sitio? É só o que faltava. Estou contra!



3 – O caso de Tróia:

É o caso da admissão por parte do investidor, que também lhe rende muito mais, construir “ao baixo” do que ao alto. A demolição das Torres da Torralta para substituição por “bandas contínuas” da Sonae, para a mesma classe social é o ponto de partida.

A qualidade da edificação será agora bem melhor.

Quanto á ocupação do solo, impermeabilização, metro quadrado de área de implantação, esses são óbviamnte exponenciais face á situação anterior.

O novo empreendimento de Tróia cavalga a onda “populista anti-torres” (mamarrachos, caixotes, etc...chame-se o que se lhes quiser chamar) que é já um clássico de portugal.

Eu acho que as torres libertam o Solo. Cada caso é um caso. A torre do Bom Sucesso oprime o solo, as Torres de Tróia, além de na minha opinião marcarem e pontuarem de forma interessante o espaço, libertavam-no. E sabaemos que bem é preciso naquela zona, devido ás características ecológicas da zona. Cada caso é um caso.

Agora será metro quadrado a metro quadrado. A Sonae não vai deixar de ocupar “ao baixo” o que puder para tirar o seu ilegítimo-legítimo lucro.



4 - O caso do edificio Coutinho:

O “caso” (somos um país de “casos”) do edificio Coutinho representa na minha opinião o mesmo tipo de populismo anti-torres que está presente no caso de Tróia.

Populismo tanto á esquerda como á direita, que vai beber directamnte ao salazarismo da nostalgia da vida das aldeias, da casa Prtuguesa concerteza , do mito do telhado de quatro águas, etc...

No caso da cidade de Viana, é evidente que a torre se evidencia da restante malha.

Mas a culpa de a restante cidade não ter crescido ou diferenciado em altura não é do edificio Coutinho. Viana não é uma cidade com um crescimento muito pronunciado. Talvez um pouco “provinciana” ela se manteve, no que tem de bom e de mau.

O que tem de mau esta vivência mais provinciana é a recusa em perceber que as cidades vivem do diferenciamento.

Não teem que ser todas iguais, com alturas iguais, niveladas, sem diferenças de alturas, etc...

Quantas cidades é que conhecemos todas niveladas e iguais em altura? Quase nenhuma.

A baixa do porto tem desde casas com 3 pisos até 8 pisos na Ribeira – Barredo, ninguém nega neste caso a beleza da densidade e da variedade, por exemplo. E em todo o lado as torres destacam-se para pontuar espaços e sociedades:

Desde o World Trade Cenmter, até á Torre dos Clérigos, a Torre de Belém, etc..

A torre do edificio Coutinho.

A questão é a qualidade da Arquitectura.

Estamos sempre a discutir ao lado da questão da qualidade.

Em teoria, para mim, qualquer edifício seria aceitável se tivesse “qualidade”, independentemente de ter 6, 7, 8 pisos...

Cada caso é um caso. Nem me parece que o edifício Coutinho seja de tão péssima qualidade assim, lá por ter janelas de alumínio e revestimento cerâmico, tenho visto bem pior a ser (ainda) construído...

Cada caso continua a ser um caso, e neste caso acresce ao “populismo anti-torres” a tal ideia do Estado que pode tudo contra os cidadãos, por cima dos seus direitos.

Parece-me que o Polis foi longe de mais na ambição de eliminar o edifício Coutinho, transferindo uma vez mais pessoas para outros sítios e para casas de inferior qualidade, tal e qual como no Aleixo.

Assumi-se que aquelas pessoas não têm direito àquele lugar.

Não é uma decisão de bom senso.

São tiques de Salazarismo ou Estalinismo mal resolvidos.

Abramos os olhos também no Porto.

Pedro Figueiredo